

Juventude, Comunicação e mudança social: Negociação, navegação e narração da vida de jovens em uma realidade glocal

Tufte, Thomas

Published in:
Intercom. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

Publication date:
2010

Document Version
Også kaldet Forlagets PDF

Citation for published version (APA):
Tufte, T. (2010). Juventude, Comunicação e mudança social: Negociação, navegação e narração da vida de jovens em uma realidade glocal. *Intercom. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 33(2), 51-72.
<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/issue/current>

General rights

Copyright and moral rights for the publications made accessible in the public portal are retained by the authors and/or other copyright owners and it is a condition of accessing publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

- Users may download and print one copy of any publication from the public portal for the purpose of private study or research.
- You may not further distribute the material or use it for any profit-making activity or commercial gain.
- You may freely distribute the URL identifying the publication in the public portal.

Take down policy

If you believe that this document breaches copyright please contact rucforsk@ruc.dk providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.

Juventude, Comunicação e mudança social: negociação, navegação e narração da vida de jovens em uma realidade glocal

Thomas Tufte*

Resumo

A partir de duas reflexões essenciais — uma sobre o legado latinoamericano no campo da Comunicação e mudança social; outra sobre juventude e Comunicação, apresentando três correntes de pesquisa e também três desafios para o campo da Comunicação e juventude — apresentamos dois exemplos da Tanzânia: um relacionado com a música e o outro com edu-entretenimento feito por uma ONG. O objetivo é refletir sobre os limites da globalização, que por um lado cria expectativas de bem-estar, mas que entra em conflito com a realidade vivida por muitos jovens, além de mostrar a juventude como novo agente social que está vivendo mudanças de época sem precedentes.

Palavras-chave: Comunicação e juventude. Mídias cidadãs. Globalização.

Youth, Communication and social change: negotiation, navigation and narration of the life of young people in a glocal reality

Abstract

From two essential reflections - one on the latinoamericano legacy about Communication and social change; another one about youth and Communication, presenting three chains of research and also three challenges for the field of the Communication and youth - we present two examples of the Tanzania: one related with music and the other with edu-entertainment made for a ONG. The proposal is to reflect on the limits of the globalization, that on the other hand

* É professor em Comunicação na Universidade de Roskilde, Dinamarca. Master em sociologia de culturas (1989) e PhD em estudos de mídia da Universidade de Copenhagen (1995). Coordena o projeto de pesquisa 'Mídia, empoderamento e democracia na África Oriental' É também é co-diretor da Ørecomm – uma plataforma transnacional de pesquisa sobre Comunicação e mudança glocal (<http://orecomm.net>). E-mail: ttufte@ruc.dk

creates well-being expectations, but that it enters in conflict with the reality lived for many young people, beyond showing youth as new social agent who is living changes of time without precedents.

Wordkey: Communication and youth. Medias citizens. Globalization.

Juventud, Comunicación cambios sociales: negociación, navegación y narración de la vida de los jóvenes en una realidad glocal

Resumen

A partir de dos reflexiones esenciales – una sobre el legado latinoamericano en el área de Comunicación y cambios sociales; la otra sobre la juventud y Comunicación, presentando 3 corrientes de pesquisa y también tres desafíos para el área de Comunicación y juventud – presentamos dos ejemplos de Tanzania: uno relacionado con la música y otro con el entretenimiento educacional hecho por una ONG. El objetivo es reflexionar sobre los límites de la globalización, que por un lado crea expectativas de bienestar, pero que entra en conflicto con la realidad vivida por muchos jóvenes, además de mostrar la juventud como un nuevo agente social que está viviendo cambios de época sin precedentes.

Palabras clave: Comunicación y juventud. Medios de comunicación ciudadanos. Globalización.

Introdução

O presente artigo se baseia em duas correntes temáticas: a primeira deriva do campo de pesquisa conhecido como Comunicação para o desenvolvimento e a mudança social. Há perspectiva é explorar como as mídias, práticas de Comunicação e cultura popular serviram como instrumentos estratégicos, processos sociais e recursos simbólicos na articulação das pessoas na mudança social (TUFTE, 2000; HEMER; TUFTE, 2005). O foco de tais pesquisas está no desafio do desenvolvimento em nossa sociedade e no modo como as mídias e a Comunicação podem servir a objetivos estratégicos de informar, fortalecer ou mobilizar grupos específicos na sociedade. Este é um campo internacional crescente de pesquisa, que tem longas raízes na América Latina, incluindo raízes no Brasil. Vou tratar disso mais adiante. A segunda corrente de pesquisa é a pesquisa sobre mídias e Comunicação específicas para os jovens, um trabalho que trata do modo como a juventude se envolve ou não com as mídias e a Comunicação. Como os jovens negociam significados, navegam social e culturalmente na vida cotidiana e como narram suas experiências.

Ao utilizar estas duas correntes de pesquisa, o interesse é enfatizar uma questão específica: como os jovens de hoje utilizam a mídia – seja como consumidores, atores ou cidadãos críticos – para se referirem à sociedade circundante e para responder à injustiça, desigualdade e insegurança. Em outras palavras: como a juventude de hoje se comunica para a mudança social?

Para isso, seguem alguns exemplos da Tanzânia, na África Oriental, onde atualmente é desenvolvido um trabalho de pesquisa nessa linha. Com eles, é possível fornecer e verificar perspectivas para a pesquisa no Brasil, mas também discutir alguns desafios comuns na pesquisa sobre a juventude tanto na África quanto na América Latina.

Abordamos ainda a “realidade glocal” em que vivemos. Com o conceito de glocalidade, é exposta a interdependência entre processos de desenvolvimento globais nos âmbitos cultural, social, econômico e político e nossas vidas cotidianas integradas localmente. Consideramos esta lente da realidade glocal uma lente específica por meio da qual é possível explorar o tema da juventude, cultura e Comunicação.

Comunicação e mudança social na América Latina

Qual é o legado da experiência latino-americana com as mídias e a Comunicação para o desenvolvimento? Há mais de 50 anos, ela constitui uma área acadêmica e disciplina prática na qual intelectuais latino-americanos apresentaram contribuições conceituais chave. De pensadores seminais como Paulo Freire (1970), Antonio Pasquali (1963), Juan Diaz Bordenave (1976), Mario Kaplún (1978), Luis Beltrão (1980) e Luiz Ramiro Beltrán (1979), nos primeiros anos, até Rosa Maria Alfaro (2001), Jesus Martín Barbero (1987/1993, 2002), Jorge González (2007, 2008), Rossana Reguillo (1996, 2009a/b) e Cecilia Peruzzo (2008), em décadas e anos mais recentes¹. Entretanto, resumindo muito a

¹ Ver artigos de todos estes autores no livro: Alfonso Gumucio Dagron y Thomas Tufté (orgs). 2008. *Antología de Comunicación para el Cambio Social. Lecturas Históricas y Contemporáneas*. Nova York: Consórcio de Comunicación para el Cambio Social.

questão e sem fazer justiça à riqueza desta experiência, é possível afirmar que há três características fundamentais que informam o legado latino-americano da Comunicação para o desenvolvimento e a mudança social.

Em primeiro lugar, há um grande compromisso em buscar estratégias de base, ascendentes, baseadas na comunidade, estratégias de empoderamento, crítica e mudança social. Conceitos chave, como voz, participação, mobilização social, conscientização, diálogo e Comunicação horizontal também contribuíram para este compromisso duradouro de empoderamento e crítica social. Eles emergiram, sobretudo, dos ambientes em – e ao redor dos – movimentos sociais na América Latina. Esta produção de conhecimento e prática social estava anteriormente intimamente conectada ao combate contra as ditaduras militares, mas também esteve associada à luta contra a polarização histórica e sócio-econômica encontrada em muitos países latino-americanos.

Em segundo lugar, complementando o projeto político inerente acima, há uma dimensão cultural mais articulada deste mesmo trabalho orientado para as bases, fundamentado na comunidade e ascendente. Isto foi visto nas múltiplas formas de mobilização social e cultural que surgiram com os movimentos sociais, nos anos oitenta. Foi um processo muito participativo de trabalho identitário.

Os movimentos de base que emergiram em oposição ao desenvolvimento, durante os anos oitenta, pertenciam às novas formas de ação coletiva e mobilização social que caracterizaram a década. (...) estes processos de construção da identidade eram mais flexíveis, modestos e variáveis, baseando-se em articulações táticas resultantes das condições e práticas da vida cotidiana. Nessa medida, estes combates foram fundamentalmente culturais (ESCOBAR, 2008, p. 1176)

Em terceiro lugar, a voz forte da América Latina no debate internacional sobre uma Nova Ordem de Informação e Comunicação (o debate NWICO) tem sido uma dimensão significativa do legado latino-americano dentro das mídias e Comunicação para o desenvolvimento. A contribuição chave aqui foi o chamado,

nos anos 70 e 80, para o desenvolvimento das mídias nacionais e das políticas de Comunicação (BELTRÁN, 1979; RONCAGLILO, 1986).

Ao construir uma ponte para os debates atuais sobre juventude, Comunicação e mudança social, uma série de questões deve ser colocada: Como o debate sobre juventude, Comunicação de mudança social se relaciona com o legado de experiências de base, voltadas para a comunidade, ênfase na cultura popular e seu potencial transformador? E como ele se relaciona com a orientação determinante para as políticas nacionais? A sugestão é examinar as iniciativas atuais de Comunicação e mídias da juventude através do conceito de mídias cidadãs.

Mídias Cidadãs

A pesquisadora das mídias colombiana Clemencia Rodriguez deu ao termo “mídia cidadã” uma moldura conceitual útil. Ela se baseia nas tradições de mídias alternativas e radicais conhecidas a partir da história latino-americana da Comunicação para o desenvolvimento, mas também vistas nos movimentos sociais em outros locais. O objetivo de Rodriguez era posicionar o cidadão no palco central das práticas midiáticas e de Comunicação – vendo a mudança ocorrer exatamente onde os coletivos de cidadãos, a juventude, por exemplo, possibilitam transformações através da Comunicação. Ou, como observa Rodriguez (2008, p.1131):

O termo “mídia cidadã” implica, em primeiro lugar, que uma coletividade está cumprindo a cidadania ao intervir e transformar ativamente a paisagem midiática estabelecida; em segundo lugar, que estas mídias estão contestando os códigos sociais, identidades legitimizadas e relações sociais institucionalizadas e, em terceiro lugar, que estas práticas de Comunicação fortalecem a comunidade envolvida até o ponto em que estas transformações e mudanças são possíveis.

Ao conceitualizar as iniciativas midiáticas e de Comunicação voltadas para a juventude como mídias cidadãs, o centro da ação e transformação é colocado nas mãos dos cidadãos ou coletividades de cidadãos.

Juventude e Comunicação

Agora, chegando ao foco mais específico sobre a juventude, apresentamos uma revisão da literatura da pesquisa recente voltada para a juventude, mídias e Comunicação. A impressão que se tem, a partir desta leitura, se traduz em três correntes de pesquisa grosso modo, que caracterizam esta área:

Em primeiro lugar, verifica-se uma espécie de celebração acrítica dos modos como a juventude se envolve atualmente com as novas mídias, em particular. Isto testemunha uma celebração da criatividade da juventude na produção e consumo de cultura popular mediada, enfatizando diferentes formas de participação eletrônica, interatividade, sentido criativo e envolvimento ativo em torno, por exemplo, de jogos de computador e práticas de consumo midiático em geral (Tapscott 1998). Estes estudos geralmente derivam de sociedades mais afluentes, na Europa e América do Norte, muitas vezes, com uma abordagem etnocêntrica, com sensibilidade limitada para a diversidade e a desigualdade cultural. Não houve uma perspectiva de mudança social nestes estudos

Em segundo lugar, percebe-se estudos de jovens marginalizados e da juventude do “sul” global – estudos reunidos no que podemos chamar de uma perspectiva crítica, concentrada nos processos de resistência da juventude por meio das mídias e nos discursos críticos dos jovens. (COGO 2010; ENGEL, FLACHSLAND e ROSEMBERG, 2009; HANSEN et al, 2008; HERSHSMANN, 2009; LOADER, 2007; OLSSON E DAHLGREN, 2010; REGUILLO, 2009a e 2009b; MARTÍN-BARBERO, 2009; MUÑOZ-NAVARRO, 2009). Estes estudos revelam situações desabonadoras, falta de acesso à informação, Comunicação e serviços sociais mais amplos e respostas ativas da juventude a esta situação. Eles são caracterizados por uma análise dos movimentos sociais e sociedade civil orientada para atividades de mudança, incluindo as atividades insurgentes da juventude na produção e utilização da Comunicação e da cultura popular mediada.

Finalmente, uma terceira corrente mais fraca testemunha uma perspectiva cotidiana sobre os jovens, a Comunicação e a mudança social. Em geral, vemos estudos etnográficos sobre os jovens que

não são particularmente eloquentes, críticos ou ativos (ALGAN, 2009; DALSGAARD, 2008; EKSTROM, 2010, LIVINGSTONE, 2002; VARGAS, 2009; WILDERMUTH, 2008), mas os quais parecem obter percepções profundas das subjetividades em elaboração e das identidades sendo negociadas.

A partir desta revisão da literatura, uma série de percepções emergiu em relação à pesquisa do modo como a juventude se envolve com as mídias e a Comunicação:

- a) Continua a haver uma carência de explorações empíricas mais profundas das realidades juvenis. Isto limita nosso entendimento dos jovens e de como eles se envolvem com as mídias, a Comunicação e a sociedade, em geral.
- b) A maior parte dos estudos nesta área carece de perspectivas transdisciplinares no seu projeto. Onde estão os estudos que ultrapassam as fronteiras da pesquisa em antropologia, sociologia, estudos midiáticos, Comunicação e ciência política?
- c) Há uma ausência de ação-orientação sobre como conduzimos nossa pesquisa e especialmente sobre como utilizamos nossa pesquisa uma vez concluída.

Estas percepções desencadeiam uma série de questões que devemos considerar:

Em primeiro lugar, de que modo as práticas midiáticas e comunicacionais são parte das vidas cotidianas dos jovens hoje? As novas mídias sociais realmente estão dominando as vidas dos jovens, e, em caso positivo, as vidas de todos os jovens?

Em segundo lugar, de que tratam alguns dos contextos societários chave que influenciam as vidas dos jovens hoje? A ênfase aqui recai na explicação de dois contextos e desafios que considero particularmente importantes na determinação da participação nos processos de mudança social: um desafio reside no contexto estrutural frequentemente desabonador imposto sobre a vida cotidiana dos jovens hoje, e o segundo trata dos contextos de natureza mais

existencial. Isto se refere às suas subjetividades e ao sentimento de poder para agir e reagir ao mundo ao redor.

Finalmente, tem a questão de como conceitualizamos a juventude? Nosso objetivo é avaliar criticamente a particularidade da vida dos jovens hoje e flexibilizar o nosso conceito de juventude. O modelo “ocidental” dominante de juventude e de desenvolvimento da juventude faz parte desta consideração (HANSEN, 2008).

Juventude, música e processos de empoderamento na Bongolândia

Bongolândia é o nome frequentemente dado à Tanzânia – especialmente entre os jovens. Bongo significa “cérebros” em Suaíli e Bongolândia significa que, para sobreviver na Tanzânia, é preciso usar a inteligência: é se “virar nas ruas” (EKSTROM, 2010, p.135).

A questão é que a Tanzânia sofreu mudanças radicais especialmente depois do colapso do projeto socialista do Presidente Nyerere, nos anos 1980, e ainda mais com o desenvolvimento democrático a partir do início da década de 1990.

Junto com a mudança do sistema unipartidário para um sistema multipartidário, como muitos outros países africanos, viu a emergência da sociedade civil e de um setor de mídia gradualmente mais desenvolvidos. Mídias progressivamente livres e independentes têm sido uma parte deste processo de mudança. No que se refere às mídias digitais, somente cerca de 3% dos tanzanianos têm acesso doméstico à Internet, enquanto aproximadamente 50% atualmente têm celulares – e estes números sobem constantemente, segundo pesquisas da TAMPS/2009 (Femina HIP Annual Report 2009).

Neste contexto, surge a música bongo flava. É um ritmo muito particular tanzaniano, com canções quase que exclusivamente cantadas em Suaíli e muito influenciada pelo hip-hop. As letras, entretanto, são muito influenciadas pela realidade social, política e econômica local (EKSTROM, 2010, p.134). Em outras palavras, um gênero de música glocal desenvolveu-se a partir do Bongo Flava. Um exemplo é o famoso artista de Bongo Flava, Professor Jay, que fala sobre a experiência ambígua de viver na capital, Dar es Salaam:

Em Bongo, as coisas são incríveis, sem brincadeira.
Mesmo se, às vezes, Bongo é amarga como a esponja
[...]
Bongo não é mais como antigamente:
Mesmo as vovós se tornaram prostitutas
[...]
Acabou o respeito e o jogo jogado na sociedade é viciado.
Sem obediência às profecias
E os ladrões são queimados feito animais
Ou mandados para o tribunal mesmo sem ter roubado.
Quem sabe se a lei está na mão do povo?
Povo de Bongo, por que não há humanidade nos corações²?

As letras refletem objetivamente as realidades vividas. Elas surgiram como um fenômeno difundido e são tocadas não apenas nas rádios, mas nos ônibus intermunicipais, em bares e outros locais públicos. Elas são produzidas pelos jovens artistas locais, que escrevem as próprias letras e refletem as ambiguidades dos desenvolvimentos da moderna Tanzânia, ao mesmo tempo, em que criam uma nostalgia da Tanzânia de antigamente.

Estas expressões culturais locais inspiram-se, por um lado, em uma poderosa tendência global – a cultura do hip-hop – mas, ao mesmo tempo estão profundamente inseridas nas realidades locais – criando, com isso, o bongo flava na Tanzânia.

*2 In Bongo things are super, that's no lie.
Even if sometimes Bongo is bitter like a sponge
[...]
'Bongo of today isn't like in the old days:
Even the old grannies become prostitutes
[...]
No respect, a corrupted game is played in society.
No obedience to the teachings of the prophets.
And pick-pockets are burned like animals
Others sent to court that didn't even steal.
Who will know if the law is in people's hands?
People in Bongo, why no humanity in your hearts?*

Tendências semelhantes podem ser vistas aqui na América Latina, por exemplo, na cultura brasileira hip-hop pesquisada pela equipe liderada por Michael Hershmann (2009). O autor mostra que o hip-hop carioca produz um contradiscurso em relação aos frequentemente demonizados discursos midiáticos sobre a juventude marginalizada nas favelas do Rio.

Em El Salvador, Amparo Marroquín Parducci (2009, p.83) pesquisou a cultura hip-hop, sugerindo que ela é uma proposta de identidade para a juventude marginalizada: “uma proposta de identidade que constroi um outro tipo de estética muito mais urbana e que reúne as reivindicações dos jovens com sua maneira particular de fazer e viver a política.”

Com base nestes argumentos, podemos concluir que o bongo flava na Tanzânia e o hip-hop no Brasil e em El Salvador podem ser interpretados como contradiscursos, como as representações da juventude das próprias vidas, e constituem articulações de novas subjetividades em um mundo em rápida mudança. Dada a crítica social e política em muitas das letras que estes jovens produtores culturais comunicam em uma forma de mídia cidadã, eles podem ser considerado como um modo de jovens africanos e latino-americanos responderem aos legisladores, pais, colegas, patrões e outros formadores de opinião e autoridades em seus países.

Uma resposta da juventude? mídias, empoderamento e democracia na África Oriental (MEDIEA)

Os jovens são inovadores ao se envolverem com novas mídias e formatos de Comunicação, gêneros e culturas. Eles são a geração de cidadãos crescentemente exposta a – e fazendo uso das – mídias e tecnologias de informação e Comunicação, tanto para entretenimento quanto para fins de informação, contatos sociais e mobilização e para compartilhar conhecimento. A explosão de celulares, nos últimos anos, enfatiza o ímpeto com que os jovens tanzanianos, buscam apropriar-se das novas mídias digitais, mesmo nas condições socio-econômicas restritivas que a maioria enfrenta.

É neste contexto que trabalhamos atualmente com um projeto de pesquisa sobre juventude, Comunicação e mudança social. O

título é Uma resposta da juventude? Mídias, empoderamento e democracia na África Oriental (abreviado para MEDIEA, ver também website: <http://mediea.ruc.dk>). Nele, uma pequena equipe de colegas pesquisa o grau em que o processo de desenvolvimento na Tanzânia é socialmente inclusivo para jovens mulheres marginalizadas.

A principal limitação para jovens mulheres na Tanzânia é a ausência de uma voz efetiva na vida pública e particularmente em relação às decisões sobre políticas e leis que afetam diretamente a sua subsistência. As mídias e tecnologias de informação e Comunicação podem ser instrumentos poderosos na promoção da inclusão social. A questão é como e em que grau a sociedade civil está permitindo que isto ocorra. Nosso projeto de pesquisa explora o modo como as plataformas midiáticas orientadas para a sociedade civil contribuem – ou não – para dar voz a jovens mulheres, garantir a sua participação no debate público e envolver-se, de outras formas, nos processos de governança participativa.

Nesse contexto de desenvolvimento da abertura democrática na Tanzânia, crescimento da sociedade civil, uma ONG em particular teve sucesso no desenvolvimento de mídias e plataformas de Comunicação poderosas e influentes para a juventude. Ela se chama Femina HIP e produz, entre outras coisas, uma revista chamada FEMA. Ela traz histórias e oferece informações sobre a saúde sexual e reprodutiva para as jovens da escola secundária.

Em termos de estratégia de Comunicação utilizada por Femina, eles usam a edu-entretenimento como a principal estratégia de Comunicação para atrair as jovens (TUFTE, 2010a). Entretanto, diferentemente da maior parte das iniciativas que usam a ficção – novelas radiofônicas, séries de TV ou teatro – Femina usa histórias reais e publicações escritas. Eles também acreditam estar desenvolvendo uma cultura de leitura.

Embora FEMINA HIP tenha começado como uma ONG de Comunicação em saúde, atualmente eles expandiram significativamente os seus temas e o veículo midiático também cresceu de modo significativo.

Atualmente, estão envolvidos na produção de oito diferentes tipos de atividades de Comunicação, produzindo as duas maiores revistas na Tanzânia, um talk show televisivo, uma novela radiofô-

nica, revistas, além de oferecerem cursos de capacitação entre 500 clubes juvenis nas escolas secundárias e utilizarem a telefonia móvel para interagir com a juventude, entre outras ações. Uma pesquisa nacional recente mostrou que eles alcançam quase 25% dos 44 milhões de habitantes da Tanzânia. Do ponto de vista holístico, este conglomerado das plataformas midiáticas de Femina constitui o que se tornou uma das mais poderosas iniciativas de Comunicação voltada para a sociedade civil na Tanzânia e África Oriental.

Entretanto, uma questão é o alcance da Femina, que, com efeito, é significativo. Olhando para esta ONG desde a perspectiva da juventude, que processos de construção de sentido estão ocorrendo na verdade e que discussões são estimuladas entre as jovens mulheres que participam das iniciativas midiáticas e de Comunicação da Femina? O objetivo dos nossos projetos de pesquisa é avaliar, em parte, o modo e os meios pelo qual um veículo de Comunicação como Femina contribui – ou não – para criar um papel deliberativo para as jovens nos processos de mudança social e política na Tanzânia.

Em ampla escala, o que foi descrito acima sobre a situação da juventude na Tanzânia trata das mesmas preocupações vistas nos trabalhos de Michael Herschmann sobre as culturas hip-hop no Brasil e o trabalho de Rossana Reguillo com jovens marginalizados no México (Guadalajara), assim como os trabalhos de Martin-Barbero e outros sobre juventude e violência na Colômbia. Todas estas referências empíricas abordam alguns dos desafios emergentes na pesquisa contemporânea sobre jovens. Estes desafios incluem:

- a) Precisamos entender melhor a criatividade praticada pelos jovens com os ambientes cambiantes de mídia e Comunicação. Muitos jovens hoje têm acesso a mundos simbólicos que até pouco tempo atrás eram inacessíveis ou inimagináveis. Apesar da novidade, os ambientes midiáticos e de Comunicação atuais são contextos em que os jovens navegam como produtores e usuários inovadores e criativos.
- b) Entretanto – e este é o segundo desafio: muitos jovens – por razões diversas – não participam da novidade e da

possibilidade das novas mídias. Portanto, a atenção às realidades socioeconômicas e às possibilidades e limitações impostas pela vida cotidiana requer uma imersão etnográfica e uma sensibilidade cultural

- c) Finalmente, a perspectiva crítica e a orientação para a mudança social na participação da juventude devem ser muito mais exploradas do que o são hoje. Em outro texto, sugerimos o termo “tática cidadã” como um modo de conceitualizar esta abordagem (TUTFE, 2009). Com base na noção de poder foucaultiana, na noção de resistência de De Certeau e no conceito de mídia cidadã de Rodriguez, foi estabelecido a sua moldura analítica. O objetivo é ajudar a interpretar o consumo, atuação e protesto cotidiano dos jovens por meio das mídias e da Comunicação, considerando as suas atividades tanto como um desejo fundamental de desfrutar e controlar a vida de alguém, mas também como uma participação no desenvolvimento mais amplo da sociedade.

Desafios contextuais para a juventude hoje: determinantes estruturais e condições existenciais

Seguem os dois contextos chave que influenciam o agenciamento da juventude. O primeiro é o contexto macroestrutural que influencia as vidas cotidianas. O outro é a experiência mais existencial e voltada para a identidade na vida cotidiana, que também determina o modo como os jovens experimentam a sua capacidade de agir.

Os limites da globalização: da criação de expectativas às vidas nas Nowherevilles

Uma questão que a antropóloga Karen Tranberg Hansen (2008, p.212) extraiu de um grande projeto de pesquisa com duração de cinco anos sobre juventude, uso das mídias, experiência urbana e educação foram as expectativas de bem-estar que a globalização articulou. Hansen observa:

A globalização criou esperanças e expectativas de uma melhoria no bem-estar em muitos setores. A consciência dos jovens de um mundo de oportunidades, consumo e cultura popular afeta o modo como vêem seus mundos cotidianos locais e os sentidos e usos que atribuem aos bens globais.

Estas expectativas contrastantes com a situação socioeconômica e política em que muitos jovens cidadãos em todo o mundo se encontram: situações de desemprego, marginalização social e financeira, ausência de educação, riscos à saúde e desafios da guerra, crise e mudança climática. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2010, p.65) – em uma dura crítica à globalização – comenta que “o Estado hoje é incapaz e/ou não está disposto a prometer aos seus sujeitos segurança existencial”.

Quando o Estado age deste modo, o cidadão individual é deixado à própria sorte, incapaz de obter segurança existencial, ou seja, incapaz de obter e manter “um lugar legítimo e digno na sociedade humana e de evitar a prática da exclusão” (BAUMAN, 2010, p. 65). Na prática, isto significa que as pessoas têm que cuidar das próprias vidas com base em habilidades e recursos individuais por conta própria. Isto coloca estes muitos indivíduos em uma situação de “enormes riscos e sofrendo a angustiante incerteza que tais tarefas inevitavelmente incluem” (BAUMAN, 2010, p. 65). Isso serve tanto para os jovens marginalizados na Tanzânia quanto para os favelados nas megalópoles brasileiras ou os jovens imigrantes nos subúrbios de Paris – as “nowherevilles” como Bauman as chama.

A antropóloga Karen Tranberg Hansen (2008, p.209-210) reforça a ênfase de Bauman nos desenvolvimentos macroeconômicos que conduzem ao que nós podemos chamar de “nowherelives”, presas às limitações impostas estruturalmente. Hansen afirma que uma série de condições estruturais impacta as vidas dos jovens e tornam as suas vidas incertas. Portanto, as vidas dos jovens podem acabar em violência ou em perspectivas maravilhosas. De acordo com Hansen:

Muitas vidas de jovens são incertas devido às mudanças econômicas e às mudanças dos destinos das famílias. Mudanças nos planos de vida, status socioeconômico, educação e relações pessoais complicam muitas outras dificuldades que os jovens enfrentam.

As críticas de Bauman e Hansen articulam dimensões aqui chamadas de “subjetividades instáveis”.

Subjetividades instáveis

O antropólogo indiano, Arjun Appadurai (2008, p.890-893), refletiu sobre a globalização, enfatizando o modo como a globalização cultural influencia as identidades ou subjetividades das pessoas. Em sua análise, Appadurai enfatiza duas questões características da atual transformação da sociedade: uma é a migração em massa e a outra, a mediação eletrônica da vida cotidiana. Para ele, estes dois problemas estão interconectados e ambos afetam o “trabalho da imaginação” como uma característica constitutiva da subjetividade moderna. Appadurai argumenta que as mídias eletrônicas “oferecem novos recursos e disciplinas para a construção dos “si mesmos e dos mundos imaginados”. Justapostos com as migrações em massa voluntárias e forçadas, o resultado – continua – é “uma nova ordem de instabilidade na produção das subjetividades modernas”.

As subjetividades instáveis identificadas refletem bem algumas das experiências latino-americanas de se viver com um grande número de riscos e temores na vida cotidiana. O trabalho da antropóloga mexicana Rossana Reguillo (2009, p.39) com as consequências da pandemia de H1N1, em 2009, é um bom exemplo disso. Ela falou sobre o medo massivo iniciado pela enorme cobertura da mídia, que dramatizou grandemente a situação e deixou a população mexicana apática.

Segurança humana

Tanto as determinantes estruturais quanto existenciais oferecem um contexto no qual os jovens representam as suas aspirações e acalentam sonhos para o futuro. O conceito de segurança humana pode ajudar a aproximar estes dois contextos. A cientista política britânica, Caroline Thomas (2007, p.108-109), trata da segurança humana como sendo uma liberdade pelo medo.

uma condição existencial na qual a dignidade humana é percebida não só como segurança física, mas também incluindo uma participação significativa na vida da comunidade e o controle sobre a própria vida.

A suficiência material encontra-se no centro da segurança humana, mas também inclui dimensões não-materiais - e apenas então forma um todo qualitativo na vida das pessoas. A segurança humana se refere a toda a gama de direitos: civis e políticos, econômicos e sociais e culturais.

Portanto, na medida em que nosso mundo é influenciado por culturas do medo (FUREDI, 2002), ameaças humanas de todos os tipos na sociedade de risco (BECK, 1992), pandemias e aquecimento global, a segurança humana simboliza o cenário ideal a que a humanidade deveria aspirar.

A juventude como novo agente social vivendo as mudanças da época

A antropóloga Karen Tranberg Hansen (2008) questiona o que ela chama de “teleologia do desenvolvimento inerente ao modelo de estágio de vida ocidental”. Segundo ela, a noção ocidental é de que a juventude é um mero ponto de partida, linear e automático no rumo da idade adulta. O extenso estudo de Tranberg Hansen sobre as vidas dos jovens no Vietnã, Zâmbia e Brasil fundamentou empiricamente o seu convincente argumento: de que as trajetórias dos jovens apresentam modos não lineares.

A relação entre a juventude e o lar é complexa e as transições entre juventude e idade adulta nem têm um sentido único nem são eventos que não se repetirão. Longe de serem estáticos, os sentidos da juventude movem-se de acordo com a situação, dependendo, sobretudo, do contexto (HANSEN, 2008, p.210).

Além disso, enquanto em muitas culturas há passagens que significam a transição da infância à idade adulta, a juventude encontrou no modelo de estágio de vida ocidental um estágio particular para a juventude.

O intelectual colombiano Jesus Martin-Barbero reforça o fato de que os jovens de hoje experimentam parte da singulari-

dade de ser jovem hoje. Segundo ele, há duas particularidades das vidas dos jovens hoje a serem destacadas. Em primeiro lugar, pela primeira vez na história, a juventude, nas últimas décadas, transformou-se em ator social e agente de mudança. A juventude se constituiu como um grupo social independente, com algumas das oportunidades de agir decorrentes disto. Em segundo lugar, os jovens experimentam mudanças na sociedade em um grau e profundidade sem precedentes. Para Martin-Barbero, em entrevista concedida ao autor:¹

Os jovens não são uma juventude qualquer porque são os que experimentam a mudança da época em seu próprio corpo (...) os mais velhos, temos dúvidas e incertezas que não encontra correspondência na incerteza dos nossos filhos; são outros, de outro calibre, de outro tipo. (...) Recebemos todas as doutrinas que quisemos e eles não têm nada que se pareça com isso, nem do ponto de vista religioso nem do filosófico nem do político

As observações de Martin-Barbero referem-se ao fato de a juventude, pela primeira vez na história, ter encontrado um espaço para si mesma na qualidade de ator social, negociando ativamente suas próprias vidas em uma realidade glocal e, ao mesmo tempo, vivendo esta oportunidade em uma época de mudanças radicais, de transformações globais, mas também de ideologias fragmentadas e ciclos e trajetórias de vida menos fixas.

Portanto, ao considerarmos a juventude em uma perspectiva histórica, estamos tratando de agentes sociais relativamente novos que hoje desempenham um papel crescente na sociedade como consumidores de produtos culturais, como atores midiáticos e também como protagonistas nos processos de mudança social.

Os casos apresentados neste artigo confirmam algumas das dificuldades, mas também as oportunidades de que fala Martin-Barbero. Nos concentramos aqui em explorar a juventude na qualidade de comunicador do desenvolvimento e da mudança social. Na revisão da literatura de pesquisa, a juventude foi estudada por meio das lentes de consumidores, atores e cidadãos críticos. A questão é que a maioria dos jovens que consomem

¹ Em 10 de maio de 2010, Roskilde – Dinamarca.

produtos midiáticos e atuam nas – e com as – mídias, também podem participar como cidadãos críticos usando as mídias cidadãs para dar voz a suas preocupações e participar no debate público e na ação social.

Portanto, embora a pesquisa sobre os jovens ainda seja uma pequena área de pesquisa dentro da Comunicação para o desenvolvimento da mudança social, é certo que este quadro pode mudar e está mudando.

Referências

ALFARO, R. M. **Popular cultures and participatory communication: On the Route to Redefinitions.** 2001/2008.

ALGAN, E. There is no permission to love in our urfa: Media, Youth Identities and Social Change in Southeast Turkey. In: TUFTE, T; ENGHEL, F. (eds). **Youth engaging with the world: media, communication and social change - the international clearinghouse on children, youth and media.** University of Gothenburg, 2009.

APPADURAI, A. La modernidad anda suelta. In: GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (eds). **Antología de comunicación para el cambio social.** Lecturas Históricas y Contemporáneas. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social 2008, p. 889-905.

BAUMAN, Z. **Living on borrowed time.** Cambridge: Polity, 2010.

BECK, U. **Risk Society - towards a new modernity.** London: Sage, 1992.

BELTRÁN, L. R. Adiós a Aristóteles: la comunicación 'horizontal'. In: GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (eds). **Antología de Comunicación para el Cambio Social - Lecturas Históricas y Contemporáneas.** New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social, 2008. p. 257-277.

BORDENAVE, J.D. La comunicación de las innovaciones agrícolas en América Latina: la necesidad de nuevos modelos. In: GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (eds). **Antología de Comunicación para el Cambio Social.** Lecturas Históricas y Contemporáneas. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social, 2008. p. 192-193.

BELTRÃO, L. El sistema de folcomunicación. In: GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (eds). **Antología de Comunicación para el Cambio Social.** Lec-

turas Históricas y Contemporáneas. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social, 2008, p. 299-306.

COGO, D. A Comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Intercom**. São Paulo: v. 33, no. 1, janeiro/junho 2010.

EKSTRÖM, Y. We are like chameleons! Changing mediascapes, cultural identities and city sisters in Dar es Salauan. **Uppsala Studies in Media and Communication**, n. 5. Sweden: Uppsala University, 2010.

ENGHEL, F., FLACHSLAND, C.; ROSEMBERG, V. Youth, Memory and Justice. The Cromañón Case and Communication in an Age of Precariousness. In: TUFTE, T.; ENGHEL, F. (eds). **Youth Engaging with the World. Media, Communication and Social Change**. The International Clearinghouse on Children, Youth and Media. NORDICOM and UNESCO: University of Gothenburg, 2009.

ESCOBAR, A. Imagining a postdevelopment era, chapter 6 in: Encountering Development. The Making and Unmaking of the Third World. Princeton University Press: New Jersey. In: GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (eds). **Antología de Comunicación para el Cambio Social**. Lecturas Históricas y Contemporáneas. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social, 2008. p. 1176-1189.

FEMINA ANNUAL REPORT 2009. Femina. Dar es Salaam, Tanzania.

Freire, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 1970.

FUREDI, F. **Culture of Fear - Risk-taking and the morality of low expectation**. London: Continuum, 2002.

GONZALEZ, J. A. **Entre cultura(s) y cibercultur@(s) - Incursiones y otros derroteros no lineales**. La Plata: Edulp, 2007.

_____. Digitalizados por Decreto: Cibercultur@ o inclusión forzada en América Latina. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**. Época II. Vol. XIV. Núm. 27, Colima, junio 2008. p. 47-76.

GUMUCIO-DAGRON, A; TUFTE, T. (eds). **Antología de comunicación para el cambio social - Lecturas históricas y contemporáneas**. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social, 2008.

HANSEN, K. T. (ed). **Youth and the city in the global south**. Bloomington: Harcourt Trade Publishers, 2008.

HEMER, O.; TUFTE, T. (eds). **Media and glocal change** - Rethinking Communication for Development. Göteborg & Buenos Aires: Nordicom & CLACSO, 2005.

HERSCHMANN, M. Brasil: Ciudadanía y estética de los jóvenes de las periferias y favelas (El Hip Hop en Brasil). In: MARTÍN-BARBERO, J. (ed). **Entre saberes desechables y saberes indispensables**. Agendas de país desde la comunicación. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung, 2009.

KAPLÚN, M. Educar, para que? In: GUMUCIO-DAGRÓN, A.; TUFTE, T. (eds). **Antología de comunicación para el cambio social**. Lecturas Históricas y Contemporáneas. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social, 2008. p. 246-256.

LIVINGSTONE, S. **Young people and new media**. London: Sage, 2002.

LOADER, B. (ed). **Young citizens in the digital age** – political engagement, young people and new media. London: Routledge, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. **Communication, culture and hegemony** – From media to mediations. London: Sage, 1993.

_____. **Oficio de cartógrafo** – Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. **Entre saberes desechables y saberes indispensables** – Agendas de país desde la comunicación. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung, 2009.

MESCH, G. S.; TALMUD, I, (eds). **Wired youth** – the social world of adolescence in the information age. London: Routledge, 2010.

MUÑOZ-NAVARRO, A. Youth and Human Rights in Chile. Otherness, Political Identity and Social Change. In: TUFTE, T.; ENGHEL, F. (eds). **Youth Engaging with the World. Media, Communication and Social Change**. The International Clearinghouse on Children, Youth and Media. NORDICOM and UNESCO: University of Gothenburg, 2009.

OLSSON, T.; DAHLGREN, P. **Young people, ICTs and democracy** – theories, policies, identities and websites. Gothenburg: Nordicom, 2010.

OSGERBY, B. **Youth media**. London: Routledge, 2004.

PARDUCCI, A. M. El Salvador, una nación, muchas narrativas: contrapunto y fuga de la patria chica. In: MARTÍN-BARBERO, J. (ed). **Entre saberes des-**

echables y saberes indispensables. Agendas de país desde la comunicación. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung, 2009.

PAQUALI, A. Teoría de la comunicación: las implicaciones sociológicas entre información y cultura de masas. GUMUCIO-DAGRÓN, A.; TUFTE, T. (eds). **Antología de comunicación para el cambio social.** Lecturas Históricas y Contemporáneas. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social, 2008. p. 60-81.

PERUZZO, C. La participación popular en la comunicación como estrategia para extender la ciudadanía. In: GUMUCIO-DAGRÓN, A.; TUFTE, T. (Eds). **Antología de comunicación para el cambio social.** Lecturas Históricas y Contemporáneas. New Jersey: Consorcio de Comunicación para el Cambio Social. 2008. p. 1169-1176.

PERUZZO, C., TUFTE, T.; VEGA J. (eds). **Traços da outra Comunicação na América Latina: práticas comunitárias, teorias e demandas sociais.** Bogotá: ALAIC e Ediciones Uninorte, 2010.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants.** On the Horizon, 2001.

REGUILLO, R. **La construcción simbólica – Sociedad, desastre y comunicación.** Guadalajara: ITESO, 1996.

_____. México: contra el ábaco de lo básico. Agendas de país y desafíos para la comunicación. In: MARTÍN-BARBERO, J. (ed). **Entre saberes desechables y saberes indispensables.** Agendas de país desde la comunicación. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung, 2009.

_____. The warrior's code? Youth, communication and social change. In: TUFTE, T.; ENGHEL, F. (eds). **Youth engaging with the world. Media, communication and social change.** The International Clearinghouse on Children, Youth and Media. NORDICOM and UNESCO: University of Gothenburg, 2009.

RODRIGUES, C. De medios alternativos a medio ciudadanos. In: GUMUCIO-DAGRÓN, A.; TUFTE, T. (eds.). **Antología de comunicación para el cambio social.** New Jersey: Consorcio de Comunicación para el cambio social, 2008. p. 1130-1147.

THOMAS, C. Globalization and human security. In: MCGREW, A.; POKU, N. K. (eds.). **Globalization, development and human security.** Cambridge: Polity, 2007. p. 107-131.

TUFTE, T. Haciendo resonar las voces: escritura de cartas de lectores, participación de las audiencias y comunicación para el cambio social. In: PERUZZO, C. M. K.; TUFTE, T.; VEGAS, J. (eds.). **Traços da outra comunicação na América Latina: práticas comunitárias, teorias e demandas sociais**. Bogotá: ALAIC/Ediciones Uninorte, 2010a. (In press).

TUFTE, T. **Media and the global divide**. A bottom-up and citizen perspective. *Nordicom review*, v. 30, p. 175-184, 2009.